



CANGACEIROS DE TÊNIS NIKE: FAVELA E MUNDO DO CAPITAL

Lílian Victorino F. de LIMA¹

Resumo: Observamos como os personagens apresentados no romance *Cidade de Deus* se relacionam com a falta de recursos financeiros na sociedade capitalista. Quais as saídas para a falta de trabalho e a pobreza que lhes são consequentes? Percebemos que o tráfico de drogas se estabelece como uma oportunidade de conseguir dinheiro, porém tem alto preço para a vida dos moradores. E percebemos qual o ideal de vida desejado, sobretudo, pelos moradores mais jovens.

Palavras Chave: Narrativa e trabalho; consumo; dinheiro; violência e literatura

Tempos de compras

Em tempo de compras, dar um jeitinho na casa, no corpo, prometer para si mesmo fumar só até o raiar do Ano-Novo. As festas de fim de ano trazem sempre a esperança de tudo se ajustar dali em diante. A molecada juntou dinheiro da venda de areia tirada do rio, dos picolés e pães. Alguns meninos se ofereciam para capinar quintais, pintar casas, apartamentos. Outros catavam garrafas, fios, ferros para vender no ferro-velho. Os trabalhadores contavam com o décimo terceiro salário, os bandidos com os assaltos e roubos, e Cabeção e Touro e os outros policiais se preocupavam em assaltar os maconheiros caso dessem flagrante, roubar o roubo dos ladrões, exigirem uma propina das mulheres que traficavam. As ladras vendiam de mão em mão os produtos roubados nos mercados da zona sul (LINS, 1997, p. 94).

É tempo de compras em *Cidade de Deus*. Esta localidade descrita por Lins está interligada com outras tantas *cidades* que orbitam o chamado sistema capitalista e o seu modo peculiar de produção, bastante democrático no que se refere à criação de novas necessidades e na formação de consciências voltadas para o consumo de bens, duráveis ou não, desenvolvidos diariamente para promoção da felicidade e bem estar geral dos seres humanos, sobretudo os que vivem nas sociedades ocidentais, sejam elas ricas ou pobres.

É em torno do universo da favela e dos conjuntos habitacionais de *Cidade de Deus* que o romance de Paulo Lins revela aspectos do cotidiano de moradores que, apesar de viverem no mundo do trabalho e do capitalismo, criam seus próprios modos de sobrevivência nesse mundo onde tudo tem preço e as poucas escolhas estão na forma de pagamento das mercadorias.

¹ Lílian Victorino F. de Lima é aluna de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Unesp/Marília. Membro fundadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura, pesquisa Cinema e Cultura de Massa com apoio da FAPESP. (licagils@yahoo.com.br).



Inúmeros meios de comunicação de massa “circulam” entre becos e vielas de *Cidade de Deus* e nenhum de seus moradores pode ignorar a existência de tantos bens de consumo criados para satisfazer todos os gostos, pois inúmeras são as opções de cores, sabores e tamanhos postos no mercado para serem calçados, vestidos, usados; numa palavra, consumidos!

São os carros do ano, o tênis de marca, o cigarro que desperta o prestígio dos estúdios de cinema, a roupa de *griffe*. Boa parte dos jovens de Cidade de Deus tem acesso às novidades do mercado, em geral através da TV e do rádio, e estão sujeitos aos apelos provenientes da sociedade de consumo. Não apenas as festas de fim de ano, mas também o carnaval é citado como tempo de compras e de movimentação financeira, o que, segundo os bichos-soltos, preocupa mais que o fim de ano.

Mas como comprar quando não se tem dinheiro, emprego, cartão de crédito, e não raras vezes nem endereço para fazer um crediário nas lojas de departamentos e suas infinitas prestações que sempre cabem no bolso do trabalhador?

Em busca do “vil metal” Pelé e Pará assaltavam padarias, táxis, farmácias, casas de material de construção, pedestres, residências das redondezas e as do próprio conjunto.

Como nos diz outro personagem de Lins:

A boa era roubar um comércio grande, ficar um tempão sem se preocupar com dinheiro [...]. Roubar gringo era uma coisa muito incerta... Se tudo decorresse bem, poderia mobiliar a casa e ainda sobraria uma boa grana. Quem vai ao motel não vai duro, ainda mais no sábado, dia de gastar dinheiro (LINS, 1997, p. 69).

No mundo capitalista o combate às carências se dá pelo dinheiro e não é pelo fetiche do dinheiro em si mesmo, mas por tudo o que pode proporcionar, de um prato de comida ou uma roupa até um baseado ou *birinaite* para suprir as necessidades químicas tão vitais num mundo de violência e dor. Na falta de dinheiro para aquisição dos bens de consumo, outros meios surgem para encurtar a distância entre o necessitar e o ter. E vários desses meios são demonstrados na narrativa de Lins, entre eles estão os inúmeros assaltos cometidos pelos personagens como foi o caso de Marreco, Cabeleira e Alicate que assaltaram um caminhão de gás dentro de Cidade de Deus. Além de levarem o dinheiro, foram solidários com a comunidade e anunciaram a todos que o gás era por conta deles e “não precisava trazer botijão vazio para trocar pelo cheio” (idem, p.24). Lembremos que eram tempos de compras e aqui nos perguntamos nesse sistema onde tudo tem preço que dia não é dia de comprar?



Comprar e vender são imperativos nessa localidade e os meios para fazer dinheiro também incluem vendas de todos os tipos. Em Cidade de Deus habitam inúmeros micro-empresendedores como, por exemplo, o morador que vende carne de porco de sua própria criação, outro que vende galinhas, ou as vendas de camelôs e seus produtos importados, ou ainda, os salões de beleza, as biroschas, os mercadinhos, entre outros ramos, evidenciam que na favela também existe um complexo comercial considerável. Pode não ser o suficiente para alimentar o sistema global, mas seus habitantes se esforçam para se manterem ali firmes, mesmo que seja na margem da sociedade que os criou.

Em entrevista à Folha de São Paulo, Roberto Schwarz enfatizou um termo do ensaísta alemão Robert Kurz, o de “sujeito monetário sem dinheiro”. Desiludido com a perspectiva de progresso que torne o Brasil um país decente, Schwarz identifica no país uma sociedade cuja elite transita com facilidade dentro e fora das normas, e onde as massas humanas são deixadas ao “deus dará” pelas industrializações interrompidas no 3º mundo.

Esse termo vem ao encontro de nossa leitura de *Cidade de Deus*. Já observamos acima que muitos dos moradores dessa localidade vivem fora do circuito de trabalho formal, a maioria sequer entrou nesta esfera, é como se o projeto da modernidade não os abarcasse completamente e estes ficassem numa área intermediária. O motor desenvolvimentista não teve força para absorver essas pessoas, mas o dinheiro é fundamental no sistema que elas vivem e daí surge os “sujeitos monetários sem dinheiro”. Como nos explica Schwarz;

[são] multidões “modernizadas, quer dizer, cujas vidas passam obrigatoriamente pelo dinheiro, que entretanto não têm salário, sem falar em cidadania plena. O “Ornitorrinco” de Chico de Oliveira fez um retrato atualizado desse bicho que não é isso nem aquilo e que somos nós. Uma sociedade que já não é subdesenvolvida, não porque se desenvolveu, mas porque deixou de ser tensionada pelo salto desenvolvimentista; e que não é desenvolvida, pois continua aquém na integração social civilizada. (Schwarz, FSP 2007, Ilustrada, p. E8)

Nesse sentido, os personagens de *Cidade de Deus* são sujeitos monetários sem dinheiro já que precisam de todo o tipo de “malandragem” para sobreviver. Ou ainda são sujeitos sem dinheiro num mundo monetário, o mundo do capital.

Os habitantes de Cidade de Deus sofrem o mesmo estímulo ao consumo que as demais pessoas do país, mas, devido à condição de desempregados ou trabalhadores do mercado informal, ou ainda, assalariados, muitas vezes, não se tornam consumidores plenos. As ofertas do mercado são muitas e são tentadoras, os ideais de vida, os padrões de beleza, as revistas de moda e de personalidades, as novelas, os comerciais, tudo indica o caminho a



seguir, mas como trilhar esse caminho que é comumente entendido como o caminho do sucesso?

É comum na sociedade capitalista ouvirmos o jargão “vencer na vida” e os moradores de Cidade de Deus não estão alheios a essas metas, pois também desejam vencer na vida mesmo que tenham que abrir o próprio caminho e a alternativa que se sobressai em Cidade de Deus é o caminho da violência, seguido por alguns, é verdade, mas temido e conhecido por todos.

A alternativa de se conseguir dinheiro, que é fartamente narrada por Lins, é a do tráfico de drogas. Essa indústria abre vagas diariamente e paga-se bem. Muitos moradores da favela se conformam em viver com muito pouco, embora trabalhem arduamente para ter alimentação e vestimenta; e existem os que não se conformam com esta situação e vêm no tráfico de drogas e assaltos a maneira de conseguirem o dinheiro necessário para a realização de desejos diariamente alimentados por esta sociedade do consumo.

Ainda com Schwarz, os sujeitos monetários sem dinheiro são os “excluídos de hoje” ou, para nós, os perversamente incluídos, pois são pessoas impelidas a consumir, mas que não têm dinheiro e isso “os obriga a algum grau de ilegalidade. Se não há emprego e tudo tem preço, como vão fazer?” Este autor concorda que especialmente no Rio de Janeiro, muitas pessoas vivem sem ocupação certa e são obrigadas “a levar a vida ao acaso de serviços, dos favores, das proteções e das gatunagens”, conforme analisou Antonio Cândido em “Dialética da Malandragem”. Ao lembrar a tentativa getulista em promover a superação da marginalidade pelo trabalho ordeiro, Schwarz comenta o romance de Paulo Lins dizendo que ali a “neofavela” supera a anterior “pela violência nova e maciça do narcotráfico, em contexto de exclusão com consumismo”. Concluindo seu pensamento, Schwarz afirma que embora a exclusão não seja a mesma no século XIX e XXI, ainda persistem a “falta de dinheiro e direitos” (Schwarz, FSP 2007, Ilustrada, p. E8). Numa sociedade complexa como esta, onde é preciso pessoas especializadas em leis e que cobram por seus serviços, a noção de direitos não é tão popular entre os moradores e a narrativa de Lins mostra inúmeros casos de abuso de poder policial, e a infração de direitos humanos é generalizada.

Segundo o narrador de *Cidade De Deus*, a imagem da população que nos é transmitida, é a de uma comunidade moradora dos conjuntos e favelas que vivenciam e sofrem com o poder e a disputa entre as facções criminosas que têm no narcotráfico um meio de trabalho cujo objetivo é poder e ganho financeiro. Inúmeros relatos sobre os crimes ali cometidos não poupam homens, mulheres e crianças, tanto aquelas mortas após terem sido encontradas por balas perdidas, quanto outras que foram mortas como forma de punição por



serviços mal prestados ou por pequenos assaltos que irritam os moradores e atraem policiais, como é o caso do grupo de crianças denominado *caixa baixa*.

Consumo, logo sou rico!

Imersos na cultura de consumo os moradores, sobretudo os mais jovens, de *Cidade De Deus* enxergam na compra de roupas o principal item na sua hierarquia de consumo, o que colide com a prioridade de consumo do restante da família, gerando conflitos diversos, que por sua vez, promovem brigas e rompimentos entre os seus membros.

A chamada cultura do consumismo permeia o cotidiano das pessoas, não apenas nas favelas, e desvia os indivíduos de suas reais necessidades, ou digamos necessidades mais básicas, levando-os ao consumo irrefletido. Como aponta Jameson,

A produção de mercadorias é agora um fenômeno cultural, no qual se compram os produtos tanto por sua imagem quanto por seu uso imediato. Surgiu toda uma indústria para planejar a imagem das mercadorias e as estratégias de venda: a propaganda tornou-se uma mediação fundamental entre a cultura e a economia, e se inclui certamente entre as inúmeras formas da produção estética (JAMESON, 2002, p. 22).

Ávido para atingir o estilo de vida dos “cocotas” da zona sul a quem muito admira, Bené dá dinheiro para Daniel comprar roupas da moda para ele, de preferência das marcas “Adidas, Pier e Hang Tem”.

Bené experimentou as dezenas de shorts, camisetas e pares de tênis que Daniel lhe entregara no início da noite nas imediações do Bloco Sete. Agora só faltavam as calças Saint-Tropez. Os três embrulhos eram tão grandes que teve de levá-los no próprio táxi até a casa de sua mãe. Ele mesmo comentou o absurdo que fora aquelas compras, mas vida de rico é isso mesmo, o negócio era gastar, tirar onda, curtir a vida. Daniel recebeu bagulho solto, além de uma quantia de dinheiro que nunca tinha colocado na carteira. Dava até para comprar uma prancha, ou um skate importado (LINS, 1997, p.277).

A mercadoria seduz, dá prazer, dá motivação, confiança, reputação e respeito. Na favela não é diferente; a cultura de consumo permeia o pensamento social na favela.

Para Bené vencer na vida é aqui e agora! E felicidade é se sentir um verdadeiro *playboy*.

Sou Playboy – dizia Bené a todos que comentavam sua nova indumentária. Tatuou no braço um enorme dragão soltando labaredas de fogo amarelas e vermelhas pelo focinho, o cabelo ligeiramente crespo foi encaracolado por Mosca. Sentia-se agora



definitivamente rico, pois vestia-se como eles. [...] pediu a Mosca para comprar uma calóí 10 para ir a praia todas as manhãs. Rico também anda de bicicleta. Iria freqüentar a praia do Pepino assim que aprendesse o palavreado deles. [...] Alguns bandidos tentaram fazer chacota do seu novo visual. O traficante meteu a mão no revólver dizendo que não tinha cara de palhaço. Até Zé Pequeno prendeu o riso quando o viu dentro daquela roupa de garotão da Zona Sul (LINS, 1997, p. 278).

Se no seu meio social Bené foi “estranhado”, entretanto vestir-se bem seria seu passe para transitar no asfalto uma vez que a roupa nova e de marca lhe torna mais semelhante aos playboys da zona sul, com quem Bené buscava identificação. Assim, Bené tanto se sentiu bem que começou a não mais se identificar com os amigos de infância da favela, por vezes ele fala que *os caras são feios, desdentados, sujos, descabelados, magrelos*; enfim, agora é Bené que “estranha” o meio no qual vive. Pela esfera do consumo, Bené pode sentir-se pertencente a outra classe social, mesmo sem fazer idéia de que outras barreiras de classe o mantém afastado dos “Playboys de verdade”.

Consideramos que enquanto o Estado não oferece condições essenciais de sobrevivência (e aí entra toda uma discussão em torno de que é essencial), é a economia de mercado que, através de sua moeda fundamental, isto é do dinheiro, regula, emprega, alimenta, veste, educa, e impõe suas “novas necessidades” diariamente na forma de mercadorias, de maneira que corações e mentes dentro e fora da favela perseguirão a qualquer custo os padrões idealizados de vida, uma vez que, tanto ricos quanto pobres e a “mandragem em geral” crêem que a felicidade se realiza no consumo. E o dragão tatuado no braço de Bené simboliza o sistema capitalista que, quando não devora, relega os indivíduos aos bolsões de pobreza e de misérias, dentro e fora das periferias.

Nosso narrador social apresenta seu universo com conhecimento de causa, mas distanciado desta realidade (como Bené conseguiu ficar mesmo que por algumas horas), gostaria de não ter pertencido àquele mundo. Não se identifica com ele e denuncia o que salta aos seus olhos como *o que há de pior: o mundo do crime*.

Eu te vendo a droga e você me compra um tênis nike

Famílias de várias favelas do Rio chegavam ao novo conjunto habitacional. A chance de adquirir uma casa própria enfim, estabelecer-se funcionava como um chamariz, mas a distância e a precariedade das condições oferecidas levavam muitos a reconsiderar a decisão (LINS, 1997. p. 33).



O universo dos personagens, Cabeleira, Bené e Zé Pequeno, se estrutura basicamente nos anos de 1970 a 1980. Em meados de 1965, o Governo do Estado do Rio de Janeiro entregava suas primeiras unidades do Conjunto Habitacional Cidade de Deus para os moradores vindos de várias favelas cariocas. Parte desses moradores eram migrantes ou filhos de migrantes do sertão nordestino brasileiro, outros eram moradores do Rio que buscavam fugir das enchentes que assolavam a cidade naquele período. *Cidade de Deus* denuncia esse grande bolsão de pobreza e miséria que não tardou – ao longo dos anos que compreende a narrativa de Lins – a se transformar numa nova favela com barracos em torno dos “apês”. A história de Cabeleira abre os relatos sobre esse mundo marcado pelas dificuldades de sobrevivência e pela violência,

Depois que a avó morreu Cabeleira resolveu que não andaria mais duro, trabalhar que nem escravo, jamais: sem essa de ficar comendo marmitta, receber ordens de branquelos, ficar sempre com o serviço pesado sem chance de subir na vida, acordar cedo para pegar no batente e ganhar merreca... seguiria o caminho que para ele não significava escravidão. Não, não seria otário de obra, deixava essa atividade, de bom grado, para os paraibas que chegavam aqui morrendo de sede” (LINS, 1997, p. 50 e 51).

Cabeleira é como outras centenas de moradores que nem sequer entraram na órbita do trabalho formal com “carteira assinada”, muito menos fizeram parte de uma classe operária capaz de promover a transformação social conforme pensou Marx. Mesmo assim, os moradores de *Cidade de Deus* sabem do poder do dinheiro e o que a sua falta ocasiona. Partindo das críticas de Marx a respeito do sistema capitalista, David Harvey nos diz que “o advento de uma economia do dinheiro [...] dissolve os vínculos e as relações que compõem as comunidades “tradicionais”, de modo que o “dinheiro se torna a verdadeira comunidade” (HARVEY, 1992, p. 98). Na sociedade do trabalho assalariado, as formas que não exigem mão-de-obra especializada são tão desvalorizadas que as mentalidades internalizaram o preconceito e muitos não aceitam se submeter ao trabalho assalariado, que em *Cidade de Deus* é coisa de otário e dos paraibas.

Com isso, as pessoas já não dependem umas das outras diretamente, pois passaram a depender de relações impessoais e objetivas com outras pessoas, visto que no sistema capitalista, o dinheiro é mediador das relações de troca. Nesta economia de mercado, a preocupação com o dinheiro é primazia na vida das pessoas, elas estão no domínio do “fetichismo das mercadorias”, como elaborou Marx, e isto mascara as relações interpessoais numa relação entre coisas, como disse Bené a respeito das trocas que realizava com os



viciados ávidos por drogas: “Os mundos em cruzamento possibilitavam cambiar-se de tudo” (LINS, 1997, p. 351).

Os dois mundos a que se refere Bené são, a princípio, o mundo da Favela com suas regras estabelecidas e o mundo do asfalto, ou a sociedade, geralmente branca ou clareada, que não habita as favelas, daí o termo que Bené usará: *brancalhada*.

Do asfalto vem o dinheiro que abastece, neste caso, o tráfico de drogas, seja em forma de moeda, seja na forma de produtos trocados na boca de fumo; é do asfalto que também vêm a polícia, os grupos de extermínio, a negligência do poder público, a falta de justiça, enfim, o poder opressor do capitalismo na figura de suas instituições fortemente estabelecidas. Mesmo assim, segundo Campos (2001) embora a favela possa ser comparada com uma grande senzala, devido sua origem ser basicamente de escravos livres do Rio de Janeiro, ali o poder da classe dominante não foi absolutamente estabelecido, visto que “no seu interior existe considerável margem de desenvolvimento autônomo”, desde, é claro, que as pessoas consigam trabalhar em pequenas culturas de subsistência. Mas, via de regra, Campos nos informa que os habitantes das favelas, desde a origem, não têm possibilidade de independência econômica, só podem sobreviver inserindo-se de alguma maneira (como a parcela mais explorada do proletariado urbano – ou do *lumpem* como preferem alguns) na economia capitalista dominante.

Isto legitima nossa idéia de que se tratam de dois mundos quase distintos principalmente se pusermos em evidência suas diferenças em termos éticos e morais, já que cada um possui costumes, normas de conduta e regras bem definidas. Mas aqui evidenciamos a idéia de que o dinheiro é um forte elo entre esses dois mundos, o da favela e o da cidade. A favela serve tanto de contingente de reserva para o mundo do capital quanto recebe sua influência pela democrática cultura do consumo e consumismo, essas por sua vez são práticas generalizadas numa sociedade pautada por trocas comerciais.

Tanto os cocotas que habitam o asfalto quanto alguns meninos moradores da favela, entre eles se destaca Bené, estão ligados pelo elo do tráfico, e circulam entre esses dois mundos, mas suas falas evidenciam o lado que eles desejam estar, desde que anestesiados pelo poder do dinheiro e pela dependência da droga. Alguns como, por exemplo, Rodriguinho, Thiago, Daniel, Leonardo, Paype, Marisol, Gabriel, Busca-pé, Álvaro Katanazaka, Dom Paulo Carneiro, Lourival, Vicente e demais cocotas pensavam em ficar ricos. Quando seguiam em grupo para a praia conversavam sobre as lojas e as marcas de roupas “transadas”. Roupas esportivas eram as mais legais para se comprar, porém, as mais caras. Bené é o maior exemplo da possibilidade de andar entre os dois mundos já que andava pela favela armado e também andava entre a cocotada.



Aqui observamos que não estava na ordem dos assuntos falarem de educação ou da situação mundial, ou da política econômica pela qual todos esses jovens eram afetados, o assunto é o que traz alegria, contentamento, prazer e felicidade.

Sonhavam com riqueza, e a riqueza era morar na beira da praia, ter samambaia na sala, vestir-se de griffes e ter um carro com vidro Ray-ban, pneus tala-larga – sem faltar o Cadrom para a máquina ficar com barulho resposta –, ter um cachorro de raça para passear na praia pela manhã e a tarde, comprar logo de uma vez uns três quilos de maconha para não precisar ficar indo à boca-de-fumo toda hora. Se fossem ricos, só comprariam skates importados, bicicletas Caloi 10 e relógios a prova d'água, dançariam nas melhores pistas e só comeriam mulheres gostosas (LINS, 1987, pp. 182-183).

Desde cedo as crianças conhecem a importância do dinheiro nesse mundo. Dadinho, por exemplo, com seis anos ajudava os bandidos guardando suas armas para receber em troca algum dinheiro para gastar com guloseimas, figurinhas de álbuns, pipas, linha, bolinha de gude, peão, etc. Até o delegado da Gávea proibiu os policiais de espancarem o menino mesmo sabendo que sim, *é errado uma criança na delinquência, mas muito mais errado é não ter ninguém para dar um dinheirinho para saciar os seus desejos infantis*.(p. 185). Entendemos que o desejo é legítimo porque é fomentado religiosamente todos os dias, embora as escolhas desses indivíduos passem por caminhos violentos.

Mundos cambiantes em conflitos

O tênue equilíbrio promovido pelas trocas comerciais entre favela e cidade pode ser quebrado a qualquer momento, tanto pelo aparato policial que sobe o morro e reprime o narcotráfico e os roubos quanto pelos bandidos que impedidos momentaneamente de efetuarem o tráfico descem o morro em busca de dinheiro através dos assaltos.

Nesse meio estão centenas de moradores como Mané Galinha que lutou o quanto pode para seguir o caminho “do bem” ou ainda o caminho da sociedade organizada, através do estudo e trabalho formal como cobrador de ônibus. Segundo a geógrafa Ana Fani Carlos, os pobres trabalhadores encontraram nas favelas a solução para subsistir na cidade: “Fruto de uma engrenagem econômica e política que deprime os salários, diminuindo, por conseguinte, os *níveis vitais de consumo*, dos quais a moradia é um componente essencial, torna-se favelado todo indivíduo que não pode pagar o jogo especulativo do mercado mobiliário” (CARLOS, 1994, p.95, *grifos nossos*).



Vista como um depósito de problemas sociais, a favela também foi palco de incêndios criminosos que sugerem a tentativa de liquidar com o problema, ou seja, os favelados. Ao recordar de um desses incêndios na favela que vitimou a sua avó Benedita, Cabeleira revolta-se contra aqueles quebotaram fogo nos barracos..

[...] sentiu vontade de matar toda aquela gente branca, que tinha telefone, carro, geladeira, comia boa comida, não morava em barraco sem água e sem privada [...]. Pensou em levar tudo da brancalhada, até o televisor mentiroso e o liquidificador colorido (LINS, 1997, p. 26).

A fala de Cabeleira anuncia a favela como um lugar onde a condição de vida é extremamente precária; sobretudo no período histórico que compreende a narrativa. Lá falta moradia digna, saneamento básico, escola, trabalho, hospital, alimento, cultura, lazer, esporte, etc. Outras coisas não menos importantes como eletroeletrônicos, eletrodomésticos, alimentos industrializados, roupas e calçados “de marca”, bebidas, enfim, as benesses do capitalismo avançado não chegaram às imediações da *Cidade de Deus* a menos que fossem trazidas à força dos bairros mais abastados que emergiam nas proximidades da favela como os valorizados Jacarepaguá e Barra da Tijuca. Nesses bairros “nobres” o principal meio de contato com a favela se dá pelos noticiários de TV, cuja apresentação ideologicamente instruída das notícias sobre os moradores do conjunto habitacional contribuem para opor ainda mais os dois mundos, por isso que Cabeleira sente tanto ódio do *televisor mentiroso*.

Neste “reino das necessidades” descrito por Cabeleira, imperam compensações para as carências como, por exemplo, as bebidas destiladas, as drogas lícitas e ilícitas, a promiscuidade sexual, os abusos sexuais de todo o tipo, pois numa vida instintiva, as necessidades mais imediatas são satisfeitas muitas vezes tanto pelo uso da força quanto pelo dinheiro. Mas na era dos mercados e hipermercados com suas gôndolas de produtos diversificados para todos os gostos ‘e bolsos’, inúmeros habitantes de *Cidade de Deus* contornam suas necessidades alimentícias improvisando suas próprias iguarias, entre essas as citadas: *moela de galinha, torresmo, lingüiça, ovo de galinha, chouriço, jiló ao vinagrete, caldinho de feijão*. Não são freqüentadores dos templos de consumo, falta-lhes o principal: dinheiro suficiente.

Nego Velho nos conta como consegue dinheiro: “seu objetivo era somente dinheiro pois sempre passara fome, sempre vivera em condições miseráveis e não aceitaria mais viver desse jeito sem ter feito nada que concorresse para aquele destino. Queria somente comer bem, gostaria de ter estudado e que seu pai tivesse tido condições para lhe dar uma vida digna. Essa onda de ter começado a trabalhar aos cinco anos de idade não era e nem poderia



ser um destino organizado por Deus. Além disso, acreditava que, o que roubasse naquela casa, o homem teria dinheiro para repor no dia seguinte. Por isso, só roubava as pessoas que julgava ricas...” (LINS, 1997, p. 185).

A cocaína arreventou com tudo

Observamos que na falta de dinheiro para o acesso aos bens materiais alguns personagens não se contentam com a miséria de suas vidas e se encarregam de arrumar *meios para se dar bem na vida*, daí todo tipo de arma de fogo ou branca será o ‘ganha-pão’ de alguns personagens que não se consideram *otários*. Em *Cidade de Deus* tornaram-se comuns assaltos a caminhão de gás, nas biroskas, pequenos comerciantes, disputas pelos pontos de tráfico, um assalto ao motel que consagrou Dadinho a tornar-se Zé Pequeno, assaltos a ônibus, a táxis, residências na Barra, etc. Esses assaltos são vistos como formas de **trabalho** e para Dadinho, Cabeleira, Carlinhos, Pretinho, Pelé e Pará verem as notícias de seus feitos estampadas no jornal é o reconhecimento da “sociedade do asfalto” pelos feitos daquele grupo, nada seria mais gratificante. Sentiam-se importantes e seriam respeitados como os *bandidos de Cidade de Deus*.

Como nos informa Ellen Wood (2003), um dos subprodutos do capitalismo “é a subordinação de todos os valores humanos aos imperativos da acumulação e as exigências de lucro” (p. 228). As exigências do lucro e do “se dar bem” move desde a bolsa de valores nas principais capitais econômicas do mundo até a boca de fumo de uma favela como Cidade de Deus.

Mas também concordamos com as idéias de Campos (2001) ao dizer que a parte do tráfico de drogas que passa pelas favelas, o narcotráfico das bocas de fumo, é a parte menor, menos lucrativa e mais diretamente relacionada com os consumidores finais, do grande negócio mundial que hoje em dia é a produção e comercialização de narcóticos ilegais. É o varejo final, disputado por uma multidão de pequenos traficantes, e que colhe lucros irrisórios se comparados com o que ganham os atacadistas e os processadores da droga, bem como os grandes empresários, políticos, governantes e funcionários que exercem suas atividades principais sob convenientes fachadas legais e “respeitáveis”.

Num sistema social cuja qualificação profissional precede o nome das pessoas, em *Cidade de Deus* o que qualifica seus moradores são títulos bem diferentes como a periculosidade da favela de origem, se a pessoa é um *otário*, *malandro*, *vagabundo*, *trabalhador*, *bandido*, *viciado* e considerado, ainda existem as *vadias* e os *maconheiros*. Alguns moradores também esmolam outros engraxam sapatos no largo São Francisco.



A lógica desse tipo de reconhecimento baseado na inserção pelo trabalho se tornou uma segunda natureza, pois quem usa esse termo busca ser tratado com respeito. Ser ou ser trabalhador na favela pode contribuir para o modo como as pessoas são tratadas, como por exemplo, quando vemos o policial Touro afligir os moradores que estão desempregados tratando-os como vadios: *Eu quero comprovante de trabalho, senão te meto em cana, levo você para o delegado te dar uma vadiagem* (LINS, 1997, p. 38).

Muitas alternativas surgem para afastar a miséria e a fome do cotidiano dos moradores que muitas vezes criam animais para vender ou para o consumo doméstico. Ou ainda, vender doces, fazer carretos, pedir nos sinais. Muitos moradores fazem qualquer coisa para não faltar comida em casa, referindo-se ao fato de não escolherem trabalho. Nessa teia de relações entre os habitantes da favela não há consenso visto que não são uma massa amorfa e impalpável como pensam alguns políticos em campanha eleitoral, antes de tudo trata-se de um grupo heterogêneo, pois há desde os mais pobres e miseráveis até aqueles que conseguem minimamente levar uma vida mais digna através de pequenos trabalhos, como é o caso do Mané Galinha antes de cair em desgraça por causa de Zé Pequeno.

Vários são os conflitos de interesses entre os moradores que trabalham e que se submetem como o caso do cearense Francisco que trabalha na construção e os amigos de Cabeleira que foram *caguetados* à polícia por este recém chegado morador da *Cidade de Deus*. *Passar ele* foi a providência tomada. Neste lugar de regras rígidas a pena capital é comumente usada. O saldo dos conflitos de interesses, geralmente o interesse é monetário, são as mortes. A mesma favela que se reproduz com vivacidade, aumentando cada dia seu número de membros, também produz seus mortos. Os passamentos se dão de inúmeras maneiras, mas quase sempre com muita violência.

Mesmo conseguindo algum dinheiro através do trabalho os trabalhadores assalariados de *Cidade de Deus* estão cientes de sua exploração, pois sabem que precisam de muitas horas trabalhadas para comprar os produtos da cesta básica tão necessária à sobrevivência deles e de suas famílias, e isso os faz acompanhar a identidade de trabalhador com o adjetivo: pobre. A pobreza é pensada primordialmente como à **restrição ao consumo**. Em contraposição, sabem que “o rico faz o que quer” e quando Bené tem sua oportunidade de consumir ele diz a todo o momento que está rico.

Bené vivenciou a “cultura de consumo” conforme vimos quando ele dá dinheiro para Daniel comprar-lhe muita “roupa de marca”, mesmo sem entender os outros mecanismos que o impedem de ir à loja em busca dos bens que deseja. Sua aparência, seu trajar, modo de falar e de se comportar são alguns dos indicadores de seu lugar nessa sociedade cujos



códigos de conduta não poupam nem aqueles que descem o morro em busca das benesses da cidade nem aqueles que sobem o morro em busca de aplacar os males da dependência.

Jameson enfatiza que essa cultura, que é parte da vida cotidiana, é integrante do tecido social e dificilmente pode ser destrinchada dele, sua força suprema é o consumismo, “o ponto central de nosso sistema econômico, e também o modo de vida para o qual somos todos os dias sem cessar treinados por toda nossa cultura de massas e indústria de entretenimento, com uma intensidade de imagens e de mídias sem precedentes na história” (JAMESON, 2002, p.56).

Para finalizar essas considerações sobre o mundo do capital em *Cidade de Deus* lembramos as palavras de Ellen Wood em seu livro “Democracia contra capitalismo” (2003) no qual ela aponta que, embora a esquerda política seja unânime em concordar que a possibilidade de emancipação humana seria efetivada no campo “econômico” – ou no terreno da luta de classes –, ganha terreno as lutas no campo dos “bens extra-econômicos” como, por exemplo, a emancipação de gênero, igualdade racial, paz, saúde ecológica e, ainda, a cidadania democrática. Entretanto o sistema capitalista com sua enorme flexibilidade tolera uma série de bens extra-econômicos como a igualdade racial e a de gênero, visto que não é importante o sexo e a cor de seus explorados. Contudo, existem bens extra-econômicos incompatíveis com o capitalismo como, por exemplo, a paz mundial. Esta última não pode ser celebrada nem mesmo nas cidades que se julguem de Deus.

“CANGACEIROS” WEARING NIKE SNEAKERS: SLUM AND THE CAPITAL WORLD

Abstract: We observe how the characters, presented in the novel *Cidade de Deus*, relate to the lack of financial resources in the capitalist society. What are the exits to the lack of work and poverty that are consistent to them? We realize that drug trafficking is established as an opportunity to get the money, but it has a high price in the lives of residents. And we realize what is the ideal of life desired, especially for younger residents.

Key-words: Narrative and work; consumption; money; violence and literature.

Referências bibliográficas

CARLOS, A. F. A. A (Re)Produção do Espaço Urbano. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 1994.



CAMPOS, Maurício. **Favelas do Rio de Janeiro**: entre a possibilidade do Poder Popular e o cerco da Opressão. In: CMI Brasil. Centro de Mídia independente. 2001. Disponível em: WWW.midiaindependente.org. Acesso em 03/10/2007.

FOLHA DE SÃO PAULO. **Entrevista com Paulo Lins** no lançamento do livro Cidade de Deus. Folha de 16 de agosto de 1997.

_____. Desapareceu a perspectiva de um progresso que torne o país decente. **Entrevista cedida por Roberto Schwarz** à Folha de São Paulo, Caderno Ilustrada, 11 de agosto de 2007. PE8 e E9.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1992

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos**: O breve século XX 1914-1991. São Paulo: Cia da Letras, 1995.

JAMESON, F. **A cultura do dinheiro**: ensaios sobre globalização. Petrópolis: Vozes, 2002.

LINS, Paulo. **Cidade De Deus** (romance). São Paulo: Cia da Letras, 1ª edição 1997.

WOOD, Ellen M. **Capitalismo e emancipação humana: raça, gênero e democracia**. In: Democracia contra capitalismo: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2003.

Artigo produzido a partir dos seminários sobre *Cidade de Deus* realizado durante o primeiro semestre de 2008 junto ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Cinema e Literatura